

SABERES CULTURAIS DE JOVENS E ADULTOS COM DEFICIÊNCIA DE COMUNIDADES DAS ILHAS DE ABAETETUBA-PA

Maria Valdeli Matias Batista¹

Cristiane Monteiro da Silva²

Maria da Fé Silva Moreira³

Simone Barbosa Fernandes⁴

Solange Lopes Lino Silveira⁵

Resumo: Nas comunidades das ilhas de Abaetetuba percebe-se uma variedade de saberes culturais, os quais são adquiridos pelos grupos sociais, dentre eles, as pessoas com deficiência. Muitas são as formas de apreensão desses saberes. Buscando compreender essa realidade, este trabalho tem por objetivo analisar e descrever os saberes culturais de jovens e adultos com deficiência de comunidades das ilhas do município de Abaetetuba, visando conhecer e compreender como se dá o processo de aquisição e aprendizagem desses saberes por pessoas que apresentam limitações físicas, auditivas, visuais, sensoriais e psíquicas. Participaram da pesquisa oito jovens e adultos que residem nas comunidades das ilhas e que apresentam deficiência. A pesquisa foi realizada no Polo 09, o qual engloba quatro comunidades (Sapucajuba, Urucuri, Prainha e rio Marinquara) as quais fazem parte da zona rural, do município de Abaetetuba, na Amazônia paraense. Sobre os aspectos metodológicos, este estudo se utilizou das concepções e orientações do Materialismo Histórico Dialético, por meio de um trabalho de campo, adotando a abordagem participante e qualitativa, contemplando as narrativas orais etnográficas. A coleta dos dados se deu por intermédio das entrevistas semiestruturadas sendo que a análise desses dados teve como teórico

1 Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Pará. E-mail: val_projovem@hotmail.com

2 Especialista em Inovações no Ensino de Matemática pela Universidade Cesumar. E-mail: monteirodasilvacristiane@gmail.com

3 Mestra em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: contatomariadafe@gmail.com

4 Especialista em Psicopedagogia e Educação Infantil pela Faculdade Única de Ipatinga. E-mail: simony_fer@hotmail.com

5 Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: sollino.10@gmail.com

de base o antropólogo britânico Tim Ingold, autor que vem realizando grandes pesquisas no campo dos estudos antropológicos, bem como Brandão, Oliveira, Freire, Bardin, entre outros. A partir das questões norteadoras que visaram problematizar sobre as práticas de aprendizagem que representam os saberes culturais de jovens e adultos com deficiência, demonstrando como esses saberes são aprendidos por essas pessoas, referendou-se três categorias de análise para embasar os resultados encontrados, sendo elas: “aprendi na prática, só olhando”; “foi ele/ela que me ensinou”; “foi um dom deixado por Deus”. Constatou-se por meio dos resultados obtidos que os jovens e adultos com deficiência são conhecedores de vários saberes. Foram analisados vinte e seis saberes e destes prevaleceram os que auxiliam na vida cotidiana. Sobre as formas de aprendizagem desses saberes analisados pelas categorias de análise, destacou-se a categoria “foi ele/ela que me ensinou”, num percentual de 61% de ocorrência, em seguida “aprendi na prática, só olhando” com 32 %; e “foi um dom deixado por Deus” com 7% de ocorrência. As reflexões acerca dessas problemáticas são de grande relevância e poderão contribuir significativamente para a compreensão de que as pessoas com deficiência das ilhas demonstram que são capazes de aprender qualquer atividade e das mais variadas formas.

Palavras-chave: Saberes Culturais. Jovens e Adultos. Ribeirinhos. Comunidades das ilhas. Pessoa com deficiência.

Abstract: In the communities of the Abaetetuba islands, a variety of cultural knowledge is perceived, which is acquired by social groups, including people with disabilities. There are many ways to capture this knowledge. Seeking to understand this reality, this work aims to analyze and describe the cultural knowledge of young people and adults with disabilities from communities on the islands of the municipality of Abaetetuba, aiming to know and understand how the process of acquisition and learning of this knowledge occurs by people who present physical, auditory, visual, sensory and psychological limitations. Eight young people and adults who live in island communities and who have disabilities participated in the research. The research was carried out at Pole 09, which encompasses four communities (Sapucajuba, Urucuri, Prainha and Marinquara river) which are part of the rural area, in the municipality of Abaetetuba, in the Amazon of Pará. Regarding methodological aspects, this study used the concepts and guidelines of Dialectical Historical Materialism, through fieldwork, adopting a participatory and qualitative approach, contemplating ethnographic oral narratives. Data collection took place through semi-structured interviews and the analysis of these data was based on the British anthropologist Tim Ingold, an author who has been

carrying out extensive research in the field of anthropological studies, as well as Brandão, Oliveira, Freire, Bardin, between others. Based on the guiding questions that aimed to problematize the learning practices that represent the cultural knowledge of young people and adults with disabilities, demonstrating how this knowledge is learned by these people, three categories of analysis were endorsed to support the results found, namely : “I learned by doing, just by looking”; “it was he/she who taught me”; “It was a gift left by God.” It was verified through the results obtained that young people and adults with disabilities are knowledgeable in various types of knowledge. Twenty-six pieces of knowledge were analyzed and those that help in everyday life prevailed. Regarding the ways of learning this knowledge analyzed by the analysis categories, the category “it was he/she who taught me” stood out, with a percentage of 61% of occurrence, followed by “I learned in practice, just by looking” with 32%; and “it was a gift left by God” with 7% occurrence. Reflections on these issues are of great relevance and could contribute significantly to the understanding that people with disabilities on the islands demonstrate that they are capable of learning any activity and in the most varied ways.

Keywords: Cultural Knowledge. Young people and adults. Ribeirinhos. Island communities. Person with a disability.

Introdução

As vivências e convivências com realidades adversas que envolvem seres humanos em situação de vulnerabilidade social são fatores que possibilitam compreender contextos que revelam a falta de humanização, a negação de direitos humanos, a incoerência entre o que determinam as leis universais sobre esses direitos e a observância dos tipos de políticas públicas implementadas e aplicadas no Brasil, a minimização e falta de reconhecimento de saberes adquiridos fora do contexto escolar, a exclusão de pessoas que não se enquadram nos moldes padrões e sociais de normalidade, entre outras.

Por outro lado, essas mesmas situações que denunciam esses problemas sociais, também são reveladoras de potencialidades, habilidades, talentos, possibilidades de autoafirmação pessoal e profissional e de saberes culturais que são aprendidos de várias formas, por pessoas rotuladas historicamente porque deixaram, por algum motivo, de concluir seus estudos na faixa etária considerada normal pelo sistema educacional, como

é o caso dos jovens e adultos, pessoas que moram nas ilhas, logo apresentam uma cultura pouco aceitável pelas regras convencionais da sociedade e também as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência.

E o que dizer de pessoas que carregam consigo, desde que nasceram, essas três realidades humanas ao mesmo tempo? – ‘jovens e adultos não escolarizados’, ‘são nativos de ilhas ribeirinhas’, ‘apresentam deficiência’. Não esquecendo ou ignorando outros grupos subalternizados como os negros, os índios, as mulheres, os homossexuais, os LGBTs entre outros, que também são marginalizados socialmente e têm seus direitos minimizados, mas neste estudo, detenho-me nessa clientela específica porque pretendo tornar conhecida essa realidade de pessoas tão sofridas frente aos rótulos sociais que recebem cotidianamente, são esquecidas pelo poder público, são ignoradas pela escola, e, às vezes, pela própria família.

Essas pessoas demonstraram que, mesmo tendo em suas marcas identitárias, essas rotulações entendidas como ‘entraves’ pela sociedade, propiciando a discriminação, a negação, a injustiça, a exclusão social e a inferiorização humana, devido a essas realidades com as quais convivem, estão em busca de cidadania, querem ter o direito de aprender, de progredir em suas culturas, de ter uma profissão digna, pois são jovens e adultos que almejam viver com dignidade, que tem sonhos e perspectivas de futuro promissor, que desejam incessantemente ser inclusos nos contextos sociais como cidadãos de fato e de direito. Nos dizeres de Oliveira (2004, p. 17), “O ser humano como sujeito do conhecimento é capaz de não só aprender o objeto, mas comunicar-se com os outros sujeitos e interferir nos fenômenos”.

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo analisar e descrever os saberes culturais de jovens e adultos com deficiência de comunidades das ilhas do município de Abaetetuba, visando conhecer e compreender como se dá o processo de aquisição e aprendizagem desses saberes por pessoas que apresentam limitações físicas, auditivas, visuais, sensoriais e psíquicas. Participaram da pesquisa oito jovens e adultos que residem nas comunidades das ilhas e que apresentam deficiência. A pesquisa foi realizada no Polo 09, o qual é formado pelas comunidades de São Raimundo do rio Sapucajuba, Menino Deus, do rio Urucuri, Santa Maria do rio Prainha e comunidade do rio Marinquara, as quais fazem parte da zona rural, do município de Abaetetuba, na Amazônia paraense.

No que se refere aos aspectos metodológicos, este estudo se utilizou das concepções e orientações do Materialismo Histórico Dialético, por

meio de um trabalho de campo, adotando a abordagem participante e qualitativa, contemplando as narrativas orais etnográficas. A coleta dos dados se deu por intermédio das entrevistas semiestruturadas sendo que a análise desses dados teve como teórico de base o antropólogo britânico Tim Ingold, autor que vem realizando grandes pesquisas no campo dos estudos antropológicos destacando-se, dessa forma, como um importante pensador e de grande reconhecimento nessa área do conhecimento. Além deste, outros autores como Brandão, Oliveira, Freire, Bardin, entre outros, foram de grande importância e subsidiaram teoricamente todas as fases da pesquisa realizada.

Partindo dessas vivências e inquietações este trabalho se baseia nos seguintes questionamentos: Que práticas e formas de aprendizagens representam os saberes culturais de jovens e adultos com deficiência que residem em comunidades de ilhas? Quais seus principais saberes? Como aprenderam esses saberes considerando as limitações que possuem por causa da deficiência? Sabe-se que existem muitas formas de adquirir um aprendizado e cada pessoa aprende de um jeito, inclusive aquelas com deficiência. Isso porque os saberes são sempre uma forma reveladora de talentos e potencialidades. Entretanto, o que se vê na sociedade, em todas as classes e grupos sociais, é a ‘diminuição’ e ‘rotulação’ do ser com deficiência, visto sempre como ‘incapaz’ e a maioria das pessoas não acredita no potencial aprendente desses indivíduos.

Não obstante, as fontes de informações, principalmente as humanas, que corroboram de forma voluntária para a elaboração e solidificação da construção de um conhecimento novo, entrelaçam-se a outros itens da pesquisa, como os saberes locais, de não menos importância, porém estes têm fundamental influência no desenvolvimento da ciência, pois é por meio dos saberes desses humanos que se pode comprovar ou não, no caso desta pesquisa, que as pessoas com deficiência podem aprender e quais processos utilizam para que esse aprendizado aconteça.

No que se refere aos sujeitos observados no curso desta investigação, resalto que elenquei, por meio de critérios, oito pessoas que apresentam as seguintes deficiências: dois jovens com DV (deficiência visual); um jovem com DA (deficiência auditiva); dois sujeitos com DI (deficiência intelectual), sendo uma senhora e um jovem com Síndrome de Down; duas jovens com DF (deficiência física) e um senhor com DMU (deficiência Múltipla), todos residentes nas comunidades das ilhas a saber: São Raimundo no rio Sapucajuba, Menino Deus, no rio Urucuri, Santa Maria no rio Prainha e comunidade do rio Marinquara.

Os saberes culturais dos jovens e adultos com deficiência, oriundos de comunidades das ilhas e as formas de aprendizagem desses saberes

Sabe-se que existem muitas formas de se adquirir um saber, um aprendizado e cada pessoa aprende de um jeito, inclusive aquelas que apresentam limitações por terem alguma deficiência que os impossibilite de aprender ou realizar determinada tarefa. Isso porque os saberes são sempre uma forma reveladora de talentos e potencialidades. Entretanto, o que se vê na sociedade, em todas as classes e grupos sociais é a ‘diminuição’ e ‘rotulação’ do ser com deficiência, visto sempre como “pessoas ‘inválidas’, ‘defeituosas’, ‘deficientes’, ‘incapazes’” (Oliveira, 2004, p. 169), sendo que uma grande parcela da sociedade não acredita no potencial aprendente desses indivíduos.

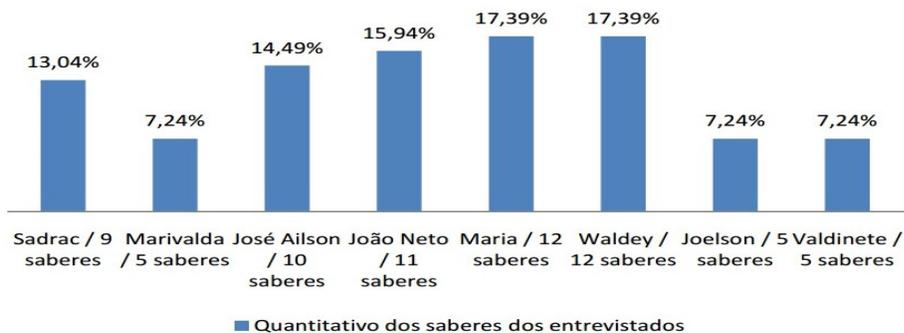
Em meio às possibilidades de apreensão de um saber, neste caso, o não formal, destaca-se a cultura como a alma e o corpo de um povo. Todos nós seres humanos temos cultura, portanto, revitalizá-la significa ‘ressuscitar’ aspectos que caracterizam um povo, seu lugar. Significa ajudá-lo a revelar o seu rosto em toda a sua beleza, com toda sua força e dignidade. Brandão (2002, p. 22), descreve Cultura como “tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como os objetos e os utensílios da vida social representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de *cultura*”.

Nesse sentido, um dos aspectos a ser pensado é que temos um legado, um passado, uma história que vem sendo transformada e transmitida de geração em geração desde os tempos mais remotos. O que seria dos homens e das mulheres se não fosse suas histórias? Não teríamos passado. Esta é a grande responsável pelo acúmulo de conhecimento do ser humano, seja pelo aspecto informal com bases antropológicas, ou pelo sistematizado pela estruturação educacional.

No decorrer da pesquisa, de acordo com as narrativas dos informantes, constatou-se a ocorrência de vinte e seis tipos de saberes culturais que os jovens e adultos com deficiência das ilhas de Sapucajuba, Marinquara, Urucuri e Prainha possuem. Desse total de saberes apresentados foi possível comparar, por meio dos dados obtidos, as habilidades/potencialidades de cada um dos informantes – ver gráfico 01 – o que revela a capacidade cultural/criadora e criativa de pessoas que tem dificuldades e limitações variadas e são rotuladas pela sociedade como incapazes de realizar tarefas

ou aprender determinados saberes.

Gráfico 01: Representação percentual dos saberes de cada informante.



Fonte: autoria própria.

Aquisição dos saberes e a relação aprendente com as Categorias de Análise encontradas

A partir desses dados apresentados e considerando as formas pelas quais se adquire uma prática de aprendizagem cultural, surgiram as categorias que serviram à análise explicativa dos saberes demonstrados pelos sujeitos. Segundo Bardin (2004), a categorização é uma operação que classifica os elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e reagrupamento segundo o gênero, com os critérios previamente definidos.

A partir destas assertivas, neste trabalho, três categorias, foram evidenciadas e analisadas: a categoria “aprendi na prática, só olhando”, a categoria “foi ele/a que me ensinou” e a categoria “foi um dom deixado por Deus”. A primeira categoria “aprendi na prática, só olhando” refere-se a um tipo de aprendizado que envolve a observação atenta e participativa juntamente com o olhar/praticar de quem busca aprender, embasando-se nos conhecimentos práticos de alguém experiente ao executar determinada ação.

Analisando a expressão utilizada por um dos sujeitos – seu Ailson –, em sua narrativa, ‘aprendi isso só vendo as pessoas fazendo’, percebe-se que o aprender surge a partir de uma atividade que está ou vem sendo executada por alguém que tem experiência nesta ação e é observada atentamente por aquele que deseja aprendê-la.

A segunda categoria elencada “foi ele/ela que me ensinou” evidencia

uma aprendizagem condicionada pelo ensino sistematizado, porém de maneira informal, demonstrado oralmente em consonância com a prática, como se faz determinada atividade a partir dos ensinamentos de alguém que já tem experiência neste saber, e assim consegue instruir outras pessoas que querem aprender este mesmo saber. Para exemplificar esta categoria, tomou-se por base a narrativa de D. Maria, ao descrever o processo utilizado para adquirir o saber de cortar seringa. Vejamos:

A gente pegava a machadinha e cortava a árvore de seringueira, fazia um risco de comprido nela e depois vários riscos de atravessado, fincava uma casca de uruá ou uma lata de conserva na seringueira para aparar o leite que escorria da árvore. Tinha que prender bem com barro amarelo para não cair. A gente risca num lugar, se não sair o leite, a gente corta outra parte da seringueira. A gente fazia isso em várias árvores, uma base de cem seringueiras a cada dia a gente cortava um tanto. Depois de uma semana, a gente ia fazer a retirada do salambi, que é o leite que caia nas latas, aí a gente fazia o processo de refinamento ou defumação desse leite pra poder vender. A gente ganhava muito dinheiro com isso porque era caro e vendia muito (Maria, em entrevista realizada no dia 08/07/2015).

A descrição deste processo de aprendizagem ‘o ato de cortar seringa’, narrado por D. Maria, sobre como aprendeu e como se faz o processo, pressupõe uma aprendizagem condicionada por um ensino sistematizado informalmente e, ao mesmo tempo, copiado mentalmente, tanto pela sintetização da oralidade instrutiva, como pela execução prática da ação desenvolvida, por intermédio de uma pessoa experiente, e remete a uma das explicações de Ingold (2015, p. 97), sobre três temas de grande importância para a compreensão adequada da habilidade técnica: “a qualidade processional do uso de ferramentas, a sinergia entre profissional, ferramenta e material, e a vinculação da percepção e da ação”, processos estes que nos levam à aquisição de um conhecimento, referindo-se ao exemplo que este autor utiliza em relação ao ato e instruções práticas utilizadas para serrar uma tábua.

Explica Ingold (2015), que a qualidade processional do uso de ferramentas perpassa por quatro fases de realização de um processo, a começar pela “preparação” que indica sobre uma tarefa a ser executada, “do que deve ser feito, de como fazê-lo, e das ferramentas e materiais necessários”, (p. 98), avaliando, decidindo e selecionando também quais materiais utilizar. Esta fase de realização de um determinado processo, conforme explica este autor, aplica-se aos relatos de D. Maria ao descrever todas as ações que realiza para poder extrair o látex da seringueira.

Após avaliar as situações, vem a fase de “início”, a qual, segundo Ingold (2015, p. 99), este “é um momento crítico na implementação de qualquer tarefa, quando a preparação dá lugar ao início. Este é o momento em que termina o ensaio e começa o desempenho”, ou seja, o planejável dá lugar ao executável, é o momento de se colocar em prática o que se aprendeu em uma teoria não registrada. Diz o autor que a partir deste ponto em diante não há como voltar atrás.

Ao receber as instruções de sua avó, D. Maria agora tem a incumbência de iniciar a tarefa e aplicar o conhecimento na prática, conforme aprendeu por meio das orientações coordenadas de alguém já experiente, no caso, sua avó. Logo, o início relaciona-se à aplicabilidade do instrumento ao local de trabalho. Na fala de D. Maria: “a gente risca num lugar, se não sair o leite, a gente corta outra parte da seringueira”. Exemplificando assim, D. Maria já inicia esta tarefa demonstrando a importância do saber ‘copiado’ informalmente de uma experiência concreta.

Em seguida o início dá lugar à “continuação”, fase que pressupõe a inversão do ritmo. Nesta, Ingold (2015), faz uma analogia ao que acontece quando se parte com um barco a remo da praia, passando do movimento inicial, o qual causa estranheza ao impulsionar os remos para trás, à ação mais eficiente e confortável de puxá-lo considerando a profundidade suficiente de água para realizar tal ação. “Ao serrar, como ao remar, a partir deste momento parece que estou trabalhando *com* os instrumentos e materiais à minha disposição em vez de *contra* eles” (p. 100).

Por fim, continua até chegar à fase do ‘encerramento’. Ingold (2015), esclarece que nesta fase não há nenhum momento preciso em que a continuação termine e o encerramento comece. O que há é um ponto de inflexão a partir do qual o movimento é gradualmente retardado e sua amplitude diminui. Nesta última fase, embasada na teoria da Educação pela Atenção proposta por Ingold (2015), a qual diz que a redescoberta orientada é um copiar dirigido e que para ser concretizado perpassa pela criatividade improvisada. Assim, o aprendizado de D. Maria se intercala a esses processos de aquisição de um saber quando narra que “as vezes eu colocava a latinha com barro mas ela caía, aí eu pregava um ferrinho na seringueira pra segurar a latinha, improvisava né” (D. Maria, em conversa informal. Diário de campo).

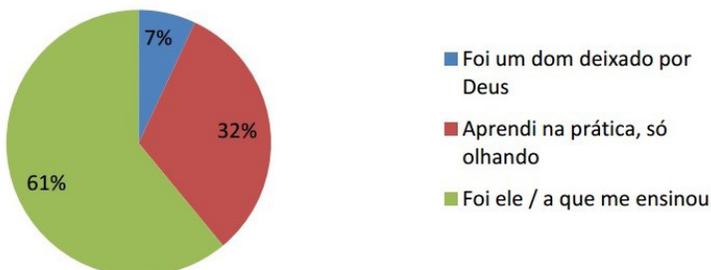
A terceira categoria de análise “foi um dom deixado por Deus” representa uma forma de aprendizagem adquirida com bases conceituais intrínsecas à crença do indivíduo por meio de uma divindade maior, como

única forma de se explicar o fato de alguém ter aprendido algo, sem ter passado por um processo real/prático e explicativo da aquisição de um conhecimento, como destaca este informante “Sei desenhar qualquer coisa e acho que isso foi uma instrução de Deus na minha vida” (João Neto, em entrevista escrita realizada no dia 04/01/2015).

Partindo deste conceito, tem-se a compreensão de que esse tipo de aprendizagem se processa também através da crença religiosa, como diz (INGOLD 1994, p. 30), “o homem é um animal religioso. Ele é também um formulador de projetos e impõe esquemas simbólicos por ele mesmo elaborados ao mundo dos objetos inanimados”. Acrescenta-se a essa afirmativa do autor um ‘acreditar histórico, cultural, milenar’, em um transcendentalismo presente na vida de muitos seres humanos, pois, há de se evidenciar que existe uma grande parcela de indivíduos na sociedade que tem habilidade e facilidade para realizar uma tarefa a qual não lhe foi ensinada, ou que acreditam que este saber vem de representações potencializadas por divindades teocêntricas.

Os resultados apontam que entre as práticas de aprendizagem, ou seja, a forma como os saberes foram aprendidos por essas pessoas, a categoria “Foi ele/ela que me ensinou” destacou-se como a mais usual – ver gráfico 02 – na aquisição de um saber. A partir dessas constatações compreende-se que os saberes culturais estão desvincilhados de fórmulas condicionadas a um saber pré existente, prestigiado ou considerado maior simplesmente porque se realiza no contexto escolar e embasado no cientificismo. Logo, existem várias formas de se adquirir determinados saberes e cada ser humano, dentro de suas capacidades e potencialidades desenvolve práticas de aprendizagem de forma diferenciada, pois, de acordo com Freire (2003), “Não há saber maior ou saber menor. Existem saberes diferentes”.

Gráfico 02: Representação percentual das práticas de aprendizagem relacionadas às categorias analisadas.



Fonte: autoria própria.

Conclusão

Ao decidir pelo título desta pesquisa “Saberes culturais de jovens e adultos com deficiência de comunidades das ilhas de Abaetetuba-PA”, tinha consciência de que encontraria um vasto campo de saberes, pois de certa forma, esta é também um pouco a minha realidade. Porém, não poderia imaginar quão instigante e subjetivo seria descrever as formas como essas pessoas conseguiram aprender várias coisas em meio a tantas barreiras sociais e dificuldades por elas vivenciadas cotidianamente.

Por outro lado, as descobertas que consegui obter com este trabalho surpreenderam bastante ao constatar o quanto a escola está distanciada destes saberes tão necessários e utilitários na vida das pessoas com deficiência e que precisam ser valorizados e reconhecidos. E, também, pelo fato de perceber que muitos pais relutam em acreditar nas potencialidades de seus filhos, pois é difícil lutar se a própria família discrimina, isola ou menospreza os saberes culturais por eles adquiridos, por acreditarem que estes são de menor prestígio social.

Considerando o objetivo geral que buscou analisar e descrever os saberes de jovens e adultos com deficiência de comunidades das ilhas do município de Abaetetuba, atendo-me ao meu objeto de estudo, ou seja, ‘os saberes’ para dizer que as ilhas de Abaetetuba, representada por pessoas com culturas aproximadas e, ao mesmo tempo diferenciadas, são sempre um celeiro de práticas de aprendizagens e de aprendentes que buscam a cada dia proficiência nos saberes que aprenderam e sabem desenvolver.

Ademais, não cheguei a essa conceituação por acaso, o primeiro objetivo específico “apresentar uma cartografia das comunidades envolvidas, seus aspectos culturais, as lutas de poder e as condições de vida dos jovens e adultos com deficiência que lá residem” forneceu o direcionamento necessário no momento em que decidi conhecer a realidade de quatro das comunidades das ilhas que pertencem ao Polo 09, relacionadas neste trabalho. Posso dizer que foi de grande valia ter conseguido alcançar tal objetivo, pois passei a conhecer a verdadeira história de cada uma dessas localidades.

Os outros dois objetivos específicos – “Informar que tipos de saberes culturais possuem os jovens e adultos com deficiência, das comunidades de Sapucajuba, Urucuri, Marinquara e Prainha” e “Identificar como os saberes culturais são aprendidos por esses sujeitos nas práticas sociais que acontecem na família, trabalho, religião, escola e amigos” – foram

contemplados embasados por dois questionamentos basilares: Quais os principais saberes das pessoas com deficiência? Como aprenderam esses saberes? Estes deram o suporte epistemológico necessário e confirmo que, por meio do observar, do olhar e do escutar atento de cada fala das pessoas envolvidas, do registrar de cada informação, que são relevantes à elucidação dos questionamentos propostos, consegui alcançá-los de forma satisfatória e a contento.

Assim, no decorrer das narrativas etnográficas e das entrevistas dos informantes foi possível identificar a ocorrência de vinte e seis modalidades de saberes culturais que são desenvolvidos pelos jovens e adultos com deficiência das comunidades das ilhas de Sapucajuba, Marinquara, Urucuri e Prainha, sendo que, dentre os saberes de maior destaque, estão aqueles que representam as garantias de sobrevivência no local, considerando o modo de vida e subsistência recorrente nessas comunidades ribeirinhas.

Nesta conjuntura de descobertas interessantes à promoção da cidadania condecoro os jovens e adultos com deficiência das comunidades das ilhas de Sapucajuba, Prainha, Marinquara e Urucuri pela variedade de instrumentalização cultural adquirida de várias formas e fora do contexto escolar, principalmente pela determinação em vencer as barreiras situacionais das deficiências, com vistas ao aprendizado ao longo de suas vivências nestas localidades, as quais representam as realidades das comunidades ribeirinhas não só de Abaetetuba, como de vários outros lugares, uma vez que a cultura faz parte da vida de um povo.

Frente ao exposto, retomo as questões norteadoras que buscaram problematizar as práticas e formas de aprendizagens que representam os saberes culturais de jovens e adultos com deficiência, que residem em comunidades ribeirinhas para apresentar os resultados obtidos em campo e que emergem das inquietações relativas às realidades abordadas nesta pesquisa. Em resposta aos questionamentos, constatei que as pessoas com deficiência – até mesmo aquelas mais severas – sabem desenvolver e produzir muitas coisas, indo contra o senso comum de que elas são inválidas, incapazes, dependentes da ‘piedade’ de outras pessoas, etc.

Elas aprendem, na maioria dos casos analisados, da mesma forma como qualquer outro indivíduo é capaz de aprender, ou seja, aprendem vendo outras pessoas fazerem, aprendem com o outro, aprendem na prática, sozinhas, observando os contextos, os comandos repassados por pessoas mais experientes, etc. e o mais importante, não se acomodam ou se acovardam diante das limitações, pois sabe-se que estas são generalizações

perpetuadas pela sociedade, pela forma como a deficiência é contextualizada.

Sendo a ciência construída pela aplicação de métodos e técnicas vinculadas também ao conhecimento empírico, proporcionando meios para que possamos chegar a conclusões pertinentes, infere-se, por meio dos ‘achados’ registrados neste trabalho, que, nas ilhas, as pessoas com deficiência têm bastante liberdade de atuação, talvez por não conviverem com tantos perigos ou limitações como as pessoas que residem em áreas urbanas. Elas têm grande contato com a natureza, vivem de forma mais livre, o que possibilita adquirirem muitas práticas de seu cotidiano. Isso justifica talvez o fato de Sadrac, que apresenta Síndrome de Down, ter aprendido vários saberes, apesar de não ter o apoio necessário que uma pessoa com deficiência necessita para que possa se desenvolver plenamente.

É comum vermos nas mídias e na sociedade a demonstração de superação de pessoas com deficiência, as quais apresentam grandes talentos e potências, como as que possuem deficiência física e visual jogando futebol – a exemplo do que é apresentado nas paraolimpíadas –, na integração de pessoas surdas se destacando nas academias, no desempenho de indivíduos com comprometimentos intelectuais adentrando o mercado de trabalho formal, etc.. Porém, há de se considerar que estes seres provavelmente tiveram acompanhamento pleno, de acordo com suas deficiências e, geralmente, residem em áreas urbanas tendo facilidade de acesso a recursos integrativos, tecnológicos, midiáticos, entre outros.

No caso dos participantes desta pesquisa, a realidade é totalmente avessa e contrária. São sujeitos que não dispõem de nenhum tipo de assistência e/ou assessoramento que possa contribuir para a facilitação e aquisição da aprendizagem, a não ser do amparo e auxílio de seus familiares e das pessoas que os acompanham na vida diária. Aprendem condicionadas pela sua própria situacionalidade e, o aprender na prática, para elas é essencial, algo que é espontâneo, não programado nem sistematizado, pois precisam adaptar-se ao meio em que vivem, logo, necessitam desses aprendizados culturais.

Os resultados também demarcam uma equalização de gênero em relação à modalidade de saberes e práticas executadas por esses sujeitos, em específico, o saber inerente às ‘atividades caseiras’ desenvolvidas por homens e mulheres. É notável, nas comunidades das ilhas, grande preconceito quando se trata dessas práticas ou afazeres domésticos congêneres e a categoria humana – homem x mulher – a quem estes devem ser referendados, dentro de uma perspectiva generalista e sociológica que

agrega valores peculiares à variação de gênero.

Esse é um saber cultural um tanto quanto machista e que gera preconceito de gênero por preconizar que, trabalhar na cozinha ou realizar atividades domésticas, sugere práticas exclusivamente femininas e que os homens que realizam essas atividades caseiras fogem ao padrão social e são rotulados de ‘gays’ ou outros conceitos pejorativos semelhantes. No entanto, essa relação dicotômica de separação das práticas no contexto de gênero é quebrada pelos participantes Waldey, José Ailson e Sadrac, ao demonstrarem que desenvolvem normalmente várias atividades caseiras em suas localidades sem, no entanto, se enquadrarem nesse cenário.

Entretanto, evidencia-se que, nas ilhas, os saberes culturais relativos à ‘atividades caseiras’ são os quais refletem com maior expressividade o preconceito de gênero, uma vez que as outras atividades da vida diária ribeirinha, como pescar – considerando todas as modalidades –, produzir acessórios de pesca, trabalhar nas lavouras e nos roçados, etc. são realizadas tanto pelos homens como pelas mulheres, inclusive de todas as idades. Os resultados registrados mostram também a relação positiva que o saber escolarizado tem no imaginário dos entrevistados.

Considerando o nível de valorização atribuído ao saber formal, todos foram unânimes em afirmar que este é de grande importância para o desenvolvimento pleno do cidadão em todos os sentidos, ainda que o aprendizado dos saberes locais represente uma questão de sobrevivência e propagação da cultura já que tais conhecimentos passam de geração em geração e de pais para filhos. Frente a todo o esboço feito ao longo desta trilha científica percorrida buscando, sobretudo, descrever os saberes culturais de jovens e adultos com deficiência, de comunidades das ilhas, os quais se concretizam por meio de um processo de educação informal, reitero que o compromisso social, político e ideológico do(a) investigador(a) deve ser sempre com a comunidade, com as suas causas sociais, com a valorização do capital cultural que emana principalmente do conhecimento empírico de um povo.

Daí a importância de conhecermos esses universos para que possamos motivar as pessoas, inclusive aquelas que têm alguma deficiência, a transformarem os cenários sociais de suas próprias vidas, passem a ser conhecedoras de seus direitos, tomem consciência de que seus saberes são importantes por estarem inseridos em diversos contextos, não só informais como também nos formais, e que os entraves sociais relacionados a estes podem e devem ser superados.

Assim, a cada nova descoberta que obtive por meio dos ‘achados’ desta pesquisa e dialogando com os autores que abordam o tema por mim pesquisado, passo a compreender melhor esse universo desconhecido, em consonância com as respostas obtidas e que sugerem o entendimento da situação investigada, intencionando que estas conclusões possam ser satisfatórias para que a pesquisa assuma de fato um caráter utilitário e social.

Finalmente, não deixo de partilhar minha real satisfação pessoal, profissional e acadêmica em ter desenvolvido esta temática, pois sei que embora trabalhosa e complexa, esta pesquisa mostra diferentes realidades que precisam ser conhecidas, denunciadas e merecem intervenção. Além disso, demonstra a variedade de saberes que as pessoas com deficiência, residentes nas ilhas, em comunidades longínquas e aquém da cultura urbana, aprendem e conseguem desenvolver na vida diária e que precisam ser valorizados por representarem meios de promoção da cidadania àqueles a quem a sociedade, por falta de conhecimento e sensibilização humana, discrimina, minimiza, menospreza, ridiculariza, simplesmente porque apresentam algum tipo de deficiência.

Cabe ressaltar que os ‘achados’ deste estudo referendam o sentimento de enaltecimento e aceitação do ser com deficiência no sentido de dignificar o enfrentamento das dificuldades – estas provavelmente bem mais acentuadas no contexto ribeirinho – e as buscas incessantes destas pessoas pelas possibilidades de construção do conhecimento, seja este formal ou informal, ainda que a assistência necessária e a ausência de políticas públicas a esta clientela sejam considerados fatores de desmotivação e desesperança.

Salientar também que estes resultados certamente contribuirão para tornar conhecida essas situações existenciais de grande valor social e cultural que envolve seres humanos e que aguçam alavancar discussões mais abrangentes e pertinentes, quais possam culminar em melhorias significativas na vida desses indivíduos, além de auxiliar na construção de novos conhecimentos de pessoas que tem interesse em conhecer essas realidades.

Este trabalho foi de grande relevância pela importância que representa, tanto no aspecto pessoal quanto profissional, pois as experiências e convivências na comunidade São Raimundo e o envolvimento com a temática e os sujeitos proporcionaram uma reflexão mais abrangente dessa realidade. Despertou o interesse acadêmico em discutir, valorizar, ampliar

as lutas, as conquistas das pessoas com deficiência que pouco são vistas como fontes de pesquisa, e aponta para a interação social no sentido de trazer discussões a respeito dos saberes inerentes àqueles lugares e que ganham relevância no modo como as pessoas com deficiência se relacionam com o mundo.

Embora um saber, qualquer que seja o tipo, apresente-se como algo eminentemente individual em sua assimilação, já que cada pessoa tem seu jeito próprio de concebê-lo, não se pode negar o fato de que o ambiente culturalizado na pessoa também influencia diretamente na aquisição deste. Considerando que todos os informantes têm deficiências, e estas são variadas, algumas em grau mais leve, outras mais elevadas, foi possível perceber que, de fato, estas deficiências não interferem tanto na vida destes seres, quando existe a vontade de vencer e de ser uma pessoa produtiva socialmente. Em muitos casos, tudo depende também de oportunidades para mostrá-los.

Referências

ABNT. **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. NBR 6027 informação e documentação: referência-elaboração. Rio de Janeiro, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como Cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. Organização, apresentação e notas Ana Maria Araújo. [3ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Saberes, imaginários e representações na educação especial: a problemática ética da “diferença” e da exclusão social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.